



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação de Estudos

**Práticas, experiências e significados sobre a produção agrícola escolar no Ensino Básico:
Uma análise a partir da Escola Primária Completa de Fiche, Distrito de Boane**

Candidata: Cremilda de Lurdes João Nhantumbo

Supervisor: Johane Francisco Chibaio Zonjo

Maputo, Outubro de 2023

Trabalho de Culminação de Estudos

**Práticas, experiências e significados sobre a produção agrícola escolar no Ensino Básico:
Uma análise a partir da Escola Primária Completa de Fiche, Distrito de Boane**

Candidata: Cremilda de Lurdes João Nhantumbo

Supervisor:

Presidente:

Oponente:

Declaração

Declaro por minha honra que este trabalho de pesquisa é resultado da minha investigação pessoal e das orientações do meu supervisor, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia final.

Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Cremilda de Lurdes João Nhantumbo

Dedicatória

Dedico este trabalho a título postulo aos meus pais e ao meu marido pelo incentivo que sempre me deram para me formar e poder enfrentar a vida com luzes que me permitem ver um pouco mais longe.

Agradecimentos

Durante os quase cinco anos de formação, muito apoio moral e material recebi de várias pessoas. Neste momento de fim de mais uma batalha interessa fazer referência a algumas dessas pessoas. Agradeço aos meus docentes por todo empenho que empreenderam para que o sonho de terminar a licenciatura pudesse se efectivar. Agradeço ainda aos meus colegas, principalmente os do meu grupo de estudos. Um agradecimento particular vai para a meu supervisor do trabalho de fim do curso que incansavelmente me apoiou quer na elaboração do projecto de pesquisa, como do relatório de pesquisa.

Agradeço ainda toda minha família Nhantumbo pelo apoio prestado, em particular agradeço aos meus irmãos e irmãs. Agradeço a terminar, todos os que me deram incentivo moral ou material, não importando aqui as quantidades, pois sinto que foi o somatório dos apoios que resultou no nosso sucesso. A todos o meu muito obrigado.

Acrónimos e Siglas

DAA: Departamento de Arqueologia e Antropologia

INDE: Instituto Nacional de Desenvolvimento e Educação

MINEDH: Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano

UEM: Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

Neste estudo pretendo responder a seguinte questão: Quais são as experiências, práticas e significados que alunos, encarregados e professores têm em relação a produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem no ensino básico no distrito de Boane?

A produção agrícola na Escola Primária Completa de Fiche, influência no desenvolvimento nutricional da comunidade. Neste estudo descobrimos três perspectivas de análise. Primeiro, a Escola desenvolve uma actividade agrícola, como uma actividade curricular, no segundo os alunos são despertados em cuidar de saúde e de boa nutrição, através das suas experiências sobre a produção de vegetais nas escolas. Terceiro, a défice de políticas públicas sobre a prática de produção agrícola nas escolas. De modo geral, este estudo permitiu perceber que a produção agrícola escolar permite, para além de sanar os problemas da insegurança alimentar, favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afectivo das crianças; Despertar a criatividade e o talento para outras actividades; Ampliar a visão de mundo das crianças; Favorecer o entendimento prático dos conteúdos em sala de aula; melhorar a sociabilização do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Com base no método de trabalho de campo, auxiliado com as técnicas de observação directa, entrevistas semi-estruturadas, foi possível fazer esta pesquisa.

Palavras chave: Produção agrícola, práticas, experiências e significados,

Índice

Declaração.....	I
Dedicatória.....	II
Agradecimentos	III
Acrónimos e Siglas	IV
Resumo	V
CAPÍTULO I: Introdução	1
1. Contextualização.....	1
2. Problema	2
3. Objectivos do estudo.....	3
4. Justificativa	3
5. Estrutura do trabalho.....	5
CAPÍTULO 2: Revisão de Literatura	6
1. Produção agrícola escolar como uma prática pedagógica.....	6
2. Produção agrícola como uma forma de introduzir saberes locais.....	8
CAPÍTULO III: Enquadramento Teórico	9
CAPÍTULO 4: Procedimentos Metodológicos	11
1. Técnicas de recolha de dados.....	11
a) Pesquisa bibliográfica e documental.....	11
b) Observação directa.....	12
c) Entrevistas semi-estruturadas.....	12
d) Registo das informações	13
2. Constrangimentos no processo da realização do trabalho.....	13
CAPÍTULO 5: Apresentação e Discussão dos Resultados de Pesquisa	15
1. Área de estudo.....	15
2. Apresentação de resultados	15
a) Sistema de produção agrícola nas escolas.....	15
b) Sentidos e significados sobre a prática agrícola.....	16
c) Os produtos produzidos na escola.....	17
d) Finalidade dos alimentos produzidos	18
e) Apoios e assistência técnica para produção	18
f) Apoio dos encarregados de educação	19

g) Importância da produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem	20
h) Importância da produção agrícola escolar para comunidade	20
CAPÍTULO 6: Conclusão	22
Referências Bibliográficas	23

CAPÍTULO I: Introdução

No presente trabalho pretende-se realizar uma pesquisa etnográfica com o objectivo de compreender as práticas, experiências e significados da produção agrícola escolar na Escola Primária Completa de Fiche, distrito de Boane. O trabalho enquadra-se no âmbito do cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura dos estudos em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA).

1. Contextualização

A produção agrícola escolar tem sido um assunto muito abordado no sistema de ensino básico em Moçambique. O governo, através do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano, tem incentivado e apoiado as escolas na implementação de projectos de produção agrícola escolar com o objectivo de sanar o impacto negativo da insegurança alimentar e da desnutrição nas escolas primárias.

MINED (2017) define produção escolar como uma actividade curricular cuja finalidade é a formação integral do aluno, ligando a teoria à prática e o estudo à produção, ou seja, consiste em o aluno realizar actividades extracurriculares, que incluem actividades fora da sala de aulas, que vai desde produtos de artesanato, pintura, desenho, barro, corte, costura e produção agrícola.

A produção agrícola escolar em Moçambique inspira-se na experiência da escola durante a luta heróica de libertação nacional e fundamenta a filosofia do Sistema Nacional de Educação (Ministério da Educação e Cultura, 2011).

Com a introdução do SNE em 1983 em Moçambique, a produção agrícola escolar era praticada de forma extensiva em quase todas as escolas e níveis dos subsistemas de ensino, visando a satisfação dos objectivos pedagógicos. Contudo, somente nos Centros Internatos e Lares a produção agrícola escolar conjugava o objectivo pedagógico à melhoria da dieta alimentar dos alunos e reforço das suas verbas de funcionamento. A capacitação dos professores nesta componente curricular constitui um dos desafios do Sector da educação dada a relevância do papel que estes desempenham como facilitadores das aprendizagens dos alunos (Ministério da Educação e Cultura, 2011).

O Ministério de Educação tem recomendado a introdução de saberes locais no sistema de ensino. À luz das recomendações, Moçambique realizou uma terceira reforma curricular operada de forma faseada.

A primeira fase da terceira reforma começou no Ensino Básico, em 2003. Nesse ano, foram escolhidas 22 escolas pilotos a nível do país. Em 2004 foi introduzido na sua generalidade em todas as escolas do país. A terceira reforma curricular focaliza-se nos aspectos da cultura local, na ligação escola-comunidade e no desenvolvimento das competências. Para a integração dos aspectos da cultura na escola, abriu-se um espaço denominado currículo local. O Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação (INDE 2003) instituição responsável pela reforma curricular definiu 20% do tempo previsto para cada disciplina para articulação do currículo local.

Para o INDE (2013), o Currículo Local é uma componente do currículo nacional que integra aspectos de cultura local. O currículo local constitui uma das inovações fundamentais que vai perpassar todo o sistema do ensino moçambicano. A reforma curricular deste Subsistema do ensino moçambicano dá relevo a busca e o resgate dos aspectos da vida quotidiana, ou seja, resgata a cultura local construída e partilhada pelos sujeitos nas suas relações vitais.

2. Problema

Segundo os dados apontados pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH 2016), os resultados da produção escolar no país apontam para uma melhoria significativa devido ao empenho dos alunos no trabalho, e aumento da consciência dos professores, pais e encarregados de educação sobre a importância desta área no processo de ensino aprendizagem.

Ainda segundo esses dados, em 2013 os estabelecimentos de ensino no nosso país produziram um total de 3.640.688 quilogramas de culturas diversas numa área de cerca de 19.300 hectares preparados para o efeito, contra 2.775.852 quilogramas do ano anterior, correspondendo a um aumento de 16 por cento em relação ao ano de 2012 (MINEDH, 2016).

Neste caso, a produção agrícola escolar é uma actividade que acontece dentro da escola e o MINEDH tem incentivado esta prática, mas em contrapartida, não existe um instrumento

normativo do MINEDH que orienta esta prática. É uma prática em que a cada escola elabora essas actividades, e algumas escolas tende a elaborar junto com a comunidade.

Através do projecto Produção Escolar a Direcção de Educação e Desenvolvimento Humano da província de Maputo com o apoio do Ministério da Agricultura e Segurança alimentar está a incentivar as escolas a participarem no processo de produção de alimentos, incutindo nos jovens alunos o interesse pela actividade agrária como um factor de desenvolvimento económico e humano (MINEDH, 2012).

Assim, este estudo visa responder a seguinte pergunta: Quais são as experiências, práticas e significados que alunos, encarregados e professores têm em relação a produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem no ensino básico no distrito de Boane?

3. Objectivos do estudo

Objectivo Geral: compreender as práticas, experiências e significados sobre a produção agrícola escolar no Ensino Básico.

Objectivos Específicos:

- a) Identificar o perfil dos participantes da pesquisa;
- b) Descrever as experiências e práticas dos alunos, professores e encarregados sobre produção agrícola no contexto escolar; e
- c) Analisar os significados associados à produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem.

4. Justificativa

O interesse pelo tema deve-se precisamente nas observações escolares que fiz no distrito de Boane em uma escola primária e pela revisão de literatura feita sobre a produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem. Este trabalho abarca dois campos de antropologia: Antropologia das Políticas Públicas e Antropologia da Educação e Cultura. A partir de

Antropologia das Políticas Públicas pretendo compreender um fenómeno que acontece em uma instituição de ensino, onde fazem parte pessoas que possuem experiências e significados sobre a produção agrícola escolar Shore e Wright (1997). A partir de Antropologia das Políticas Públicas pretendemos compreender um fenómeno que acontece em uma instituição e afectam a vida das pessoas.

Shore e Wright (1997), afirmam que o foco da Antropologia das Políticas Públicas é simultaneamente mais amplo e mais estreito: mais amplo na medida em que seu objectivo é explorar como o Estado relaciona-se com o local e as populações; e mais estreito na medida em que seu foco etnográfico tende privilegiar o objectivo de compreender, como as políticas estaduais, e os processos governamentais são vivenciados e interpretados por pessoas a nível local, tendo em mente que os antropólogos estão reformulando o local ou a “comunidade” para captar a mudança de realidades.

Segundo os autores, as políticas públicas constroem mundos particulares, dotados de domínios de sentido, linguagem, práticas padronizadas e limites de acção que se manifestam social e culturalmente, dispendo uma nova ordem entre os grupos e indivíduos que com elas interagem e que são objectos de suas intervenções (Shore e Wright. 1997).

Wedel (2005) defende a necessidade de compreensão das políticas públicas no campo da Antropologia pelo facto destas (políticas públicas), poderem ter diferentes manifestações dentro do mesmo contexto, podendo ser adoptada sem resistência, com resistência e podem ser manipuladas, entre outras manifestações. De acordo com o mesmo autor, o estudo das políticas públicas do ponto de vista antropológico tem como ponto de partida a própria política pública, ou seja, a sua compreensão constrói-se a partir do seu questionamento.

Wedel (2005) afirma que pouco interessa para a Antropologia a definição do que é política pública, preocupando-se mais em questionar ou compreender o que é que se faz ou o que é que as pessoas fazem em nome das políticas públicas.

E esta pesquisa é mais uma contribuição científica neste campo, e vai enriquecer os debates sobre a produção agrícola escolar e influenciar no melhoramento do currículo do ensino básico.

O segundo campo influencia no melhoramento do *curre a produue iefinires*, dotados de domínios de sentido, linguagem, práticas padronizadas e limites de acção que se manifestam socialmente em pessoas que possuem experiência Pereira, (2012).

A pesquisa é de grande importância na área antropológica, pois se interessa com questões educacionais. A antropologia vai a busca das práticas, experiências e significados das comunidades locais em volta de um determinado fenómeno social. A antropologia se preocupa com o estudo das interacções entre os indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, e os efeitos resultantes destas interacções.

Do ponto de vista educacional, esta pesquisa poderá ser um subsídio, mais uma ferramenta de apoio aos professores e a direcção da escola a olhar esta prática como fundamental no contexto da educação, uma vez que esta actividade trará ganhos no processo de ensino-aprendizagem.

Do ponto de vista social, espera-se que o estudo seja útil, na medida em que possa ajudar a elucidar a importância da produção agrícola escolar aos pais, encarregados de educação e todos os interessados sobre o tema em estudo.

5. Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em seis partes. Na Primeira parte apresentamos a introdução, e enuncio a problemática, a justificativa para a escolha do tema e a relevância da pesquisa. Na Segunda parte apresentamos a revisão de literatura em torno de estratégias de reprodução social. Na Terceira parte apresentamos o quadro teórico adoptado para a realização da pesquisa. Na Quarta parte apresentamos os procedimentos metodológicos adoptados para a realização da pesquisa. Nesta parte descrevemos as etapas, as técnicas de recolha, registo, tratamento e análise de dados.

De seguida, apresenta-se a parte de análise e interpretação de dados, onde discutem-se desde as estratégias adoptadas pela Escola Primária Completa de Fiche no âmbito da produção agrícola escolar, experiências vividas pelos alunos, professores, assim como as suas práticas e significados, e por último, apresentam-se as considerações do estudo.

CAPÍTULO 2: Revisão de Literatura

O objectivo deste capítulo é apresentar a revisão da literatura que analisa sobre a produção agrícola escolar. De acordo com a revisão feita identifiquei duas linhas, onde agrupei em duas categorias:

1. Produção agrícola escolar como uma prática pedagógica

Segundo os dados apontados pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano MINEDH, (2012), os resultados da produção escolar no país apontam para uma melhoria significativa devido ao empenho dos alunos no trabalho, e aumento da consciência dos professores, pais e encarregados de educação sobre a importância desta área no processo de ensino aprendizagem.

Para MINED (2012) a produção agrícola escolar pode permitir, para além de sanar os problemas da insegurança alimentar, favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo e sócio afectivo das crianças; Despertar a criatividade e o talento para outras actividades; Ampliar a visão do mundo das crianças; Favorecer o entendimento prático dos conteúdos em sala de aula; melhorar a socialização do aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva encontramos o estudo realizado pelo Instituto Agrário de Bilibiza (IABIL), (2017) que considera que a produção escolar melhora a teoria-prática e consecutivamente um aprendizado de alta qualidade; cria um fortalecimento entre a escola, comunidade, sector produtivo e pais e encarregados de educação; torna a escola pouco dependente em termos de funcionamento (bens e serviços); torna a escola uma causa educativa, com princípios morais, patrióticos e de auto-estima, na formação de empresariado local.

De acordo com Batista Filho (2003) a produção agrícola escolar complementa a matriz curricular e contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional. Para este autor é positivo a prática da produção agrícola escolar, pois os alunos além de dedicarem-se a leitura e escrita, complementam a base teórica de sala de aula, desenvolvendo actividades práticas de trabalhos com a terra, interagindo com a realidade agrícola.

Diversos autores destacam que a implantação de práticas agrícolas escolares, como um eixo gerador da prática pedagógica, viabiliza acções importantes, como: debates, estudos, actividades

sobre as questões ambientais, alimentares e nutricionais; proporciona um trabalho dinâmico, participativo, interdisciplinar, promovendo descobertas e múltiplas aprendizagens, permitindo o envolvimento e a expansão do pensamento crítico dos estudantes, influenciando em sua forma de agir frente às questões sócio ambientais, além de reorientar o processo de aprendizagem e permitir uma visão complexa dos sistemas ecológicos (Batista Filho, 2003; Nunes Vital, 2019; Morgado 2008).

Segundo Morgado (2008) através da construção de um ambiente voltado para as práticas ambientais, onde as actividades desenvolvidas poderão tornar as aulas estimuladas e diversificadas, unindo teoria e prática em um campo de interações reais e visíveis à percepção dos alunos, servindo como um laboratório vivo, proporcionando vivências ímpares no aprendizado dos mesmos. Ainda segundo este autor, as praticas de cultivo escolar podem, também, contribuir para a inserção da comunidade, trazendo para o projecto os pais e familiares dos alunos e, conseqüentemente, o fortalecimento da parceria escola-família.

Segundo Nunes Vital (2019) a implementação de práticas agrícolas escolares pode unir professores e famílias, além de proporcionar aulas mais dinâmicas e uma dieta mais equilibrada. De acordo com este autor, a prática agrícola na escola funciona como um atractivo para os alunos, possibilita a participação em um espaço fora da sala de aula e traz benefícios aos agentes envolvidos.

Para Fernandes (2006), a escola é um espaço social onde os alunos passam grande parte do seu tempo; eles convivem, aprendem e produzem, portanto, torna-se um ambiente favorável para o desenvolvimento de acções que visam a promoção da saúde. A escola também influencia na formação de hábitos alimentares saudáveis, atingindo os alunos nas etapas mais influenciáveis da sua vida, seja na infância ou na adolescência.

A prática agrícola em ambiente escolar constitui um espaço com enorme potencial educativo, pois apresenta inúmeras possibilidades de trabalhar na prática. Além disso, promove o senso de responsabilidade, cooperação e paciência entre alunos e professores. A possibilidade de acompanhar o processo de construção da horta, desde a produção de adubo, plantio, cuidados e colheita, é uma estratégia para desenvolver a educação alimentar e nutricional de toda comunidade escolar (Brandão, 2006).

2. Produção agrícola como uma forma de introduzir saberes locais

A segunda linha explica a produção agrícola escolar como forma de introduzir saberes locais no sistema de ensino escolar em Moçambique.

Uma pesquisa de campo realizada nos distritos de Magude (Motaze) e Manhiça (Calanga) e Matutuine mostra que os saberes escolares são resultados de apropriação das práticas sociais e das histórias locais com as quais as pessoas vão construindo e dando significado as suas vidas. Na pesquisa realizada por Basílio mostra que os entrevistados sugeriram o ensino da história e das práticas locais. Um dos temas propostos é o ensino da história da floresta Chicanhane.

Basílio (2006) considera que os saberes locais fazem parte das temáticas mais discutidas, hoje, no campo de educação. São discutidos porque o paradigma educacional tende a adaptar-se às condições concretas da vida das pessoas. A tendência de resgatar a cultura autóctone para trazer na prática educativa, fez com que o currículo do Ensino Básico abrisse um espaço para reflexão das temáticas específicas locais da vida das comunidades. No contexto actual, a escola se interessa, para sustentar a sua prática educativa, pela sua inserção na comunidade e pelo reconhecimento de saberes localizados nela.

O currículo do ensino básico propõe que o aluno saiba contar recorrendo ao seu meio sem divorciar se dos métodos aceites universalmente, saiba a história do seu povo e como respeitar as pessoas. Esta questão não pode ser compreendida como um retorno à comunidade primitiva: trata-se de explorar o local para enriquecer os conteúdos da aprendizagem que possam influenciar o desenvolvimento da região e do país (Basílio, 2016).

CAPÍTULO 3: Enquadramento Teórico

Para a realização deste estudo adopto duas teorias: a primeira é a teoria interpretativa defendida por Clifford Geertz (1989). A teoria interpretativista parte do princípio de que as pesquisas humanas e sociais devem buscar compreender a realidade humana que ocorre dentro de um contexto histórico e construída socialmente. A busca dessa realidade passa pela descoberta dos significados camuflados nas acções e palavras dos nativos (Geertz 1989).

Segundo Geertz (1989) as acções e palavras dos indivíduos devem ser encaradas como interpretações, pois traduzem a fórmula que estes usam para definir o que lhes acontece. Assim os significados das descrições das culturas devem ser calculados em torno das construções que imaginamos que os nativos colocam através da vida que levam.

Geertz (1980) defende que as pessoas em um dado contexto produzem múltiplos significados sobre as coisas e, só elas fazem sentido quando são vividas.

A teoria interpretativista faz parte deste trabalho para captar a teia de significados produzidos no contexto escolar no âmbito da produção agrícola. Vai permitir compreender experiências e significados que os alunos, encarregados e professores têm sobre a prática da produção agrícola escolar na Escola Primária Completa de Fiche, distrito de Boane.

A teoria do inteiracionismo simbólico de Blumer (1980) explica que as interacções entre os indivíduos são guiadas por significados que cada um atribui as coisas, quer de forma individual ou colectiva. Para esta teoria o significado é um elemento mais importante na compreensão do comportamento humano, das interacções e dos processos.

Neste caso, o inteiracionismo simbólico para além de ser uma teoria da arena social é também um conceito que possibilita a análise das pesquisas feitas com base a observação e um paradigma que permite interpretar factos e dados da arena social e simbólica.

Jeon (2004) sustenta que para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados, que são experiências e percepções que os participantes têm em contexto particular.

O inteiracionismo simbólico compreende três (3) premissas importantes a saber: (i) o ser humano orienta seus actos em direcção a realidades em função do que estas significam para ele; (ii) o

significado destas coisas surge como consequência da inteiração social que cada qual mantém com seu próximo; e (iii) os significados se manipulam e se modificam mediante a um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao se defrontar com coisas que vai encontrando em seu caminho.

Entretanto, os pilares do inteiracionismo simbólico segundo Blumer (1969) assentam a sua base na ideia de que os indivíduos são seres activos, que se orientam pelo que acontece a sua volta e a si mesmos, a partir das interpretações que estes associam aos factos, sendo que as reacções estão intimamente ligadas aos significados que os indivíduos dão no seu dia-a-dia as coisas por meio da experiencia social vivida.

Para Carvalho (2010), o significado é entendido como um produto social, uma criação que emana das actividades dos indivíduos a medida que estes interagem no seu dia-a-dia.

Neste sentido, Blumer (1980) aponta que no inteiracionismo simbólico, o significado de uma conduta se forma na interacção social que resulta em significados inter-subjectivos dos actores que interagem. Portanto, o significado é uma reiação dos actores face a acção encarada.

Com esta teoria pretendo explorar a concepção que se tem a respeito da produção agrícola escolar, as praticas, experiencias e significados dos intervenientes deste processo. Pretende-se entender como os alunos, encarregados e professores concebem a produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem.

Esta pesquisa vai se aliar ao interpretativismo e inteiracionismo simbólico para compreender as representações, significados e percepções que os indivíduos dão as coisas e, inteirações que eles tem entre si.

CAPÍTULO 4: Procedimentos Metodológicos

Este capítulo apresenta a metodologia usada para a elaboração deste trabalho. Este estudo é de tipo qualitativo e de carácter exploratório. Esta opção metodológica segundo Minayo (1987); Mannheim (1980); Bogdan e Bilkleim (1994), permite mergulhar no mundo simbólico do objecto de estudo e captar os sentidos e valores a ele associados, a partir do contacto directo que o pesquisador mantém com os seus informantes.

Neste estudo foi usado o método etnográfico, que consistiu na recolha de dados, através de várias técnicas. Assim, procurei, através do contacto directo, entrar no universo do objecto de estudo para captar a sua lógica quanto as práticas, experiências e significados concebidas sobre a produção agrícola escolar

A pesquisa de campo realizei entre Junho a Agosto de 2023 em três etapas a saber: a primeira consistiu na pesquisa bibliográfica sobre “as experiências de produção agrícola escolar”, com base em leituras de artigos científicos, publicações diversas feitas nas bibliotecas da cidade de Maputo, nomeadamente: Biblioteca Central Brazão Mazula da UEM, Centro de Estudos Africanos, Biblioteca Municipal e por fim Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da UEM.

A segunda etapa do trabalho consistiu na recolha de dados. Nesta etapa explorei experiências dos alunos na prática de produção agrícola escolar. A terceira consistiu na sistematização e análise dos dados.

1. Técnicas de recolha de dados

A recolha de informações para esta pesquisa foi feita na base das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, observação directa e entrevistas semi-estruturadas. As técnicas de pesquisa foram complementadas com o diário de campo e uso do telemóvel no registo de informações.

a) Pesquisa bibliográfica e documental

Segundo Castilho et al (2011) e Ribas e Fonseca (2008), a pesquisa bibliográfica consiste na consulta de todas as fontes secundarias relativas ao tema em causa. Abrange também todas as

bibliografias encontradas em domínio público como livros, revistas, monografias, teses, artigos de internet que debatem o mesmo assunto.

A pesquisa documental consistiu na recolha de dados escritos ou não, através das fontes primárias, tal com ensinam os autores Castilho et al (2011) e Ribas e Fonseca (2008).

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica e documental deste trabalho decorreu nos seguintes lugares: na Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA); no Centro de Estudos Africanos (CEA); na Biblioteca Central Brazão Mazula (BCBM); e na Internet.

b) Observação directa

Para Severino (2014), observação é todo procedimento que permite acesso aos fenómenos estudados. Portanto, esta técnica caracteriza-se na contemplação do fenómeno em causa para obter informações para utilizar na examinação dos factos ou dos fenómenos que se desejam estudar.

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que a observação envolve o uso dos sentidos com vista adquirir conhecimentos necessários para o nosso dia-a-dia. Para as autoras, a observação não se restringe apenas em ver e ouvir mas também, em examinar os factos que desejam ser percebidos.

A observação facilita a obtenção de dados nos membros das comunidades ou grupos que pretendem ser estudados; durante a observação os factos são possíveis de serem percebidos de uma forma directa sem qualquer intermediação (Marconi e Lakatos, 2003).

E como desvantagem, a presença do pesquisador pode de alguma forma provocar alterações de comportamento dos observados, destruindo assim a espontaneidade dos mesmos e produzindo resultados pouco fiáveis que podem provocar alterações no comportamento do grupo observado; o observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no pesquisador favorecendo assim a interpretação pessoal (Marconi e Lakatos, 2003).

c) Entrevistas semi-estruturadas

Segundo Gil (2006) a entrevista semi-estruturada é uma técnica que supõe que o pesquisador faz perguntas pré-estabelecidas que considera principais a partir de uma relação fixa de perguntas,

podendo elaborar novas perguntas que tornem as respostas mais completas. O entrevistado falar livremente a medida que se refere aos pontos indicados.

Bressan (2013) afirma que as entrevistas semi-estruturadas ocorrem de forma espontânea. Neste tipo de entrevista, o pesquisador elabora um guião de perguntas de pesquisa, mantendo liberdade de colocar outras questões cujo interesse surja no momento da entrevista. Neste caso, possibilita que sejam explorados outras questões que surjam no decorrer da entrevista; permite criar uma maior diferenciação entre os entrevistados, uma vez que o rumo irá depender em grande parte do retorno destes.

Segundo Azevedo et al. (2012), a entrevista semi-estruturada tem um carácter aberto, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, mas não se trata de deixá-lo falar livremente. Portanto, o entrevistador fica à vontade para fazer progredir qualquer situação a variados destinos que julgar necessário. Isto consiste em uma maneira de analisar um maior horizonte de uma dada questão.

A desvantagem da entrevista semi-estruturada é que exige uma grande agilidade por parte do entrevistador, sendo mais aconselhada para recrutadores mais experientes.

d) Registo das informações

Para o registo de dados foi privilegiado um diário de campo onde foram anotadas as informações que os informantes fornecerão. No final de cada dia de pesquisa digitei as notas no computador e fiz o relatório do dia de modo que permitisse verificar os dados que foram recolhidos e os que precisam ser recolhidos. Nos relatórios foram contidas reflexões sobre a pesquisa de campo realizadas e apresentado o plano para a pesquisa de campo. Os relatórios semanais foram partilhados com o orientador.

2. Constrangimentos no processo da realização do trabalho

A minha experiência de pesquisa foi marcada por desafios ao nível institucional. O principal desafio enfrentado no processo da realização do trabalho foi a demora para obter autorização para recolher dados na escola. Numa primeira fase fui informado que para iniciar com a pesquisa na respectiva escola devia apresentar uma credencial com carimbo da Secretaria do Serviço

Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia de Boane. Sem autorização, iniciei o processo de observação e conversas informais com os alunos no espaço exterior da escola onde tinha encontrado os participantes. Este constrangimento permitiu perceber que existem desafios metodológicos na análise dos processos das políticas públicas, neste sentido é importante reflectir e repensar sobre a noção de campo.

CAPÍTULO 5: Apresentação e Discussão dos Resultados de Pesquisa

Neste capítulo apresento a área de estudo e os dados recolhidos no campo durante 3 meses.

1. Área de estudo

O distrito de Boane está localizado a sudeste da Província de Maputo, sendo limitado a Norte pelo Distrito de Moamba, a Sul e Este pelo Distrito da Namaacha, e a Oeste pela Cidade da Matola e pelo Distrito de Matutuine.

Boane foi elevado à categoria de Distrito de 1ª classe em Abril de 1987 pelo decreto-lei nº 8/87 e a sua Sede, localizada a 30 km da cidade de Maputo foi elevada a Vila pela resolução nº 9/87 de 25 de Abril do Conselho de Ministros.

A superfície do distrito é de 806 km² e a sua população está estimada em 134 mil habitantes à data de 1/7/2022. Com uma densidade populacional aproximada de 166 hab/km², prevê-se que o distrito em 2030 venha a atingir os 190 mil habitantes.

2. Apresentação de resultados

A recolha dos dados iniciou no dia 03 de Julho e terminou no dia 2 de Agosto do corrente ano. A seguir apresentamos os dados que encontram-se organizados em subtítulos.

a) Sistema de produção agrícola nas escolas

As actividades agrícolas que correspondem a todas as fases de plantio (preparação, correcção, adubação, plantio, colheita e venda) dividem-se em dois tipos, geralmente segundo o tamanho da área e da produtividade alcançada. O preparo de solo é uma das etapas mais importantes na produção agrícola. Isso porque preparar a terra é um meio de trabalhá-la para que tenha as melhores condições para o plantio, dispondo de características físicas e químicas propícias ao desenvolvimento da cultura.

Nessa escola, existe seis fases, estas fases acontecem em qualquer momento, o que torna agricultura intensiva, ou seja rotação de cultura. Rotação de culturas é uma técnica agrícola de conservação que visa a diminuir a exaustão do solo. Isto é feito trocando as culturas a cada novo

plantio de forma de que as necessidades de adubação sejam diferentes a cada ciclo. Tal como o responsável de produção explica:

Aqui nós fazemos rotação de cultura. Não temos um tempo definido de ciclo de produção, já que não dependemos da água da chuva, temos nossa Água disponível, o que nos condiciona a fazer rotação de cultura.

Portanto, a rotação de cultura, consiste em alternar espécies vegetais numa mesma área agrícola. Os ciclos de produção são subseqüente, o que muda são etapas de preparo de terra, mas as culturas, são plantadas de forma aleatória.

O plantio pode ser realizado por meio de sementes ou por meio de mudas retiradas de plantas adultas. As mudas, também conhecidas como rebentos, são retiradas do caule da planta mãe.

Couve: Se o plantio foi feito com mudas, depois de 50 dias você já deve ter couves prontas para colher. Caso tenha optado por cultivar a partir de sementes, este momento vai chegar após 90 dias da primeira rega. Escolha as folhas que tenham entre 20 e 30 centímetros de comprimento, que é o tamanho comercialmente viável. Para destacá-las, puxe os talos rente ao caule para baixo.

b) Sentidos e significados sobre a prática agrícola

Durante a minha estadia no campo, percebi várias experiências das pessoas sobre os sentidos e significados atribuídos a prática agrícola que e desenvolvido nessa escola. Tal como uma das alunas dessa escola explica:

A produção agrícola para me significa uma vida porque, antes de eu fazer essa prática eu não sabia a importância nutricional desses produtos e muito menos como eram produzidos, mas agora que já sei, até na minha casa tenho semeado também. E como consequência, tenho me alimentado bem e estou a ver que cada vez estou a ganhar mais vida e mais saúde.

Diferentemente da Laura a Albertina, entende que a produção agrícola na escola significa saúde e bem-estar dos alunos e da comunidade, porque os alunos também servem como ativistas sociais, nas comunidades, e as pessoas desenvolvem também as mesmas actividades e há uma ruralidade nutricional melhor.

Nesta ordem de ideias, cresce cada vez mais o número de produção agrícola nas escolas da cidade de Maputo, facto que denuncia o cumprimento dos objectivos definidos a quando da criação da actividade de produção escolar (agricultura e artesanato).

Assim como apregoa o ditado " *quem planta, colhe*", eis que chegou a vez da Escola Primária Completa de Fiche fazer a sua primeira colheita oficial no passado dia 23 de Julho.

Aos entrevistados procurei compreender o que eles entendem sobre a produção agrícola escolar. Os alunos explicaram que a produção agrícola escolar trata-se das actividades agrícolas que eles desenvolvem na escola.

c) Os produtos produzidos na escola

Os alunos explicaram que estas práticas têm sido frequentes naquela escola e em todos anos tem existido campanhas de produção. Victor, aluno da sexta classe explicou sobre o seu entendimento de produção agrícola escolar,

Desde que comecei a estudar aqui temos exercido essas actividades. Aqui produzimos diferentes culturas, como alface, couve, cenoura. Os professores têm ajudado a organizar as machambas e nos ensinam como devemos semear os produtos.

Sérgio, foi outro aluno que deixou o seu parecer sobre a produção agrícola escolar na Escola Primária Completa de Fiche, Distrito de Boane,

Entendo que na produção agrícola escolar trata-se daquelas actividades que desempenhamos nas machambas da escola, onde cultivamos diferentes culturas, como alface, pepino, repolho, tomate e outras culturas. Nessas práticas aprendemos muito, e também temos tido apoio dos nossos pais, onde aparecem na escola para nos auxiliarem e nos ensinam a cultivar e participam das palestras realizadas na escola.

Os professores partilharam também o mesmo conceito de produção agrícola partilhado pelos alunos. Eles explicaram que a produção agrícola trata-se das actividades de machamba que se realizam dentro do campo escolar. E os professores mostraram que essas actividades são essenciais e complementares no processo de ensino e aprendizagem. Professor António explicou o seguinte,

Na nossa escola temos desenvolvido actividades de machamba, e é isso que chamamos de produção agrícola escolar, onde juntamente com alunos, produzimos diferentes culturas como alface, tomate, cenoura e outras. Essas actividades são essenciais no processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos. Pensamos que não só os apontamentos que passamos na sala de aula, mas temos que ensinar o saber fazer.

d) Finalidade dos alimentos produzidos

Questionamos também sobre o que tem sido feito, com os alimentos produzidos na machamba da escola. Os nossos entrevistados explicaram que os produtos que saem da machamba da escola servem como alimento dos alunos e funcionários daquela escola, como podemos ver na entrevista com o Célio:

Os produtos que saem das machambas da nossa escola usamos para a alimentação diária, tanto para os alunos, professores e a direcção da escola. Mas são produtos específicos para a alimentação dos alunos, porque para atrairmos os alunos a virem a escola temos que preparar alimentação, há alunos que vivem em situações precárias, por vezes saem das suas casas sem terem passado a refeição. E quando criamos essas iniciativas eles têm uma motivação.

Outros entrevistados explicaram que os produtos são vendidos durante feiras escolares que se realizam durante tempos de colheitas. A venda desses produtos permite arrecadar algum dinheiro, e esse dinheiro é usado para algumas despesas da escola, como a compra de matérias de limpeza e higiene.

O que cultivamos não serve apenas para alimentação. Sempre que se realizam feiras escolares aqui em Boane usamos os produtos que cultivamos nas nossas machambas para apresentar e vendermos. Isso ajuda muito nas economias da escola, porque o dinheiro arrecadado usamos para comprar algum material de limpeza e higiene.

e) Apoios e assistência técnica para produção

Questionamos aos professores sobre a existência de algum programa do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano que orienta as actividades de produção. O professor Alberto, que

lecciona terceira classe explicou que as actividades de produção agrícola escolar surgem através do projecto produção escolar com o apoio do Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar.

São actividades que desenvolvemos com o apoio do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Humano. Ele tem apoiado bastante, sempre fazem palestras de sensibilização e orientam como devemos desenvolver essas actividades.

Um outro professor entrevistado explicou sobre o apoio do Governo, através do Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar, trata-se de um incentivo que a escola recebe no processo de produção de alimentos, inculindo nos jovens alunos o interesse pela actividade agrária como um factor de Desenvolvimento Económico e Humano, como pode se ver na entrevista a seguir,

Este apoio é importante por parte do Ministério da Agricultura, pois nos ajudam muito, através da capacitação dos alunos, inculindo neles ideias sobre o saber fazer.

Os professores explicaram também que a escola tem recebido apoio em assistência técnica de extencionistas. E esclareceram que este apoio ajuda nos rendimentos da produção agrícola.

f) Apoio dos encarregados de educação

Os professores entrevistados explicaram que os encarregados de educação tem participado dessas actividades oferecendo materiais de produção para escola, o caso de insumos agrícolas, enxadas e participam também nas palestras realizadas na escola sobre a produção escolar.

Os encarregados costumam colaborar, eles trazem materiais para a prática da agricultura, nos oferecem sementes, enxadas e participam de palestras que realizamos na escola. Esse apoio tem sido muito fundamental, porque também os alunos se sentem a vontade e motivados vendo os seus encarregados participarem das actividades que desenvolvemos na escola.

Macamo, outro professor entrevistado, explicou o seguinte,

Ao participarem nessas actividades, estão de certa forma a contribuir para o sucesso escolar do educando, influenciando positivamente os seus resultados, mas também isso constitui uma mais-valia para a escola e para os professores. Assim todos nós sairemos a ganhar.

g) Importância da produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem

Quando questionados sobre a importância da produção agrícola escolar, os entrevistados consideraram essas actividades como relevantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Um dos professores entrevistado mostrou que a produção agrícola escolar é uma actividade fundamental para garantir a segurança alimentar e nutricional nas escolas, através da confeccionação de alimentos na escola para socorrer os alunos carenciados em suas famílias, e estimular as taxas de ingresso e de retenção dos alunos no sistema educacional;

Um dos extencionistas entrevistado explicou que a produção agrícola escolar é uma ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem

Os entrevistados mostraram que a prática agrícola em ambiente escolar constitui um espaço com enorme potencial educativo, pois apresenta inúmeras possibilidades de trabalhar na prática. Além disso, promove o senso de responsabilidade, cooperação e paciência entre alunos e professores. A possibilidade de acompanhar o processo de construção da horta, desde a produção de adubo, plantio, cuidados e colheita, é uma estratégia para desenvolver a educação alimentar e nutricional de toda comunidade escolar.

h) Importância da produção agrícola escolar para comunidade

Os entrevistados explicaram que a produção agrícola escolar é importante para a comunidade porque traz vários benefícios. Pedro é um dos encarregados de educação e durante a entrevista explicou que a produção agrícola escolar tem trazido vários ganhos, por se tratar da valorização das práticas e cultura local.

Boane é um distrito que vive-se na base da agricultura e ensinar o aluno a valorizar esta prática é muito importante. Os aluno não devem ser ensinados apenas o que vem nos livros, devem também ser ensinados a valorizarem as coisas que existem na comunidade onde esta inserida a escola. Não só na parte da agricultura, mas em muitas matérias de meio ambiente, eles devem ser ensinados a valorizarem o meio ambiente.

Essa ideia foi partilhada pelo professor Carlos, que disse o seguinte,

É importante ligar a escola com a comunidade. A ideia da escola deve ser de formar jovens de futuro, é necessário que eles aprendam a valorizar os conhecimentos e práticas existentes na comunidade. Aqui em Boane, a agricultura é base do desenvolvimento e a maioria da comunidade vive na base disso, então é relevante que esses conhecimentos sejam reproduzidos.

CAPÍTULO 6: Considerações finais

Este estudo compreendeu as experiências, práticas e significados que os alunos, encarregados e professores têm em relação a produção agrícola escolar no processo de ensino e aprendizagem no ensino básico no distrito de Boane.

Com base na teoria inteirpretativista de Geertz (1980), que defende que as pessoas em um dado contexto produzem múltiplos significados sobre as coisas e, só elas fazem sentido quando são vividas. O estudo permitiu perceber que as escolas de Moçambique, em particular a Escola Primária Completa de Fiche, Distrito de Boane, desenvolvem algumas actividades de produção agrícola, que estão incluídos dentro do seu currículo escolar. Embora essas actividades sejam consideradas pelo governo apenas como curriculares acabam afectando o desenvolvimento local da comunidade.

Nesta ordem de ideias, tanto os encarregados de educação, como os gestores das escolas estão empenhados destas actividades de produção agrícola. Durante o nosso trabalho percebemos ainda que a produção agrícola significa vida, saúde, boa nutrição no sentido de que estas actividades estão a despertar as pessoas uma alimentação variada e saudável.

Com a pesquisa compreendeu-se que a produção agrícola escolar fortalece os laços com a comunidade onde está inserida a escola, e fornece um espaço onde os alunos, professores e encarregados de educação unem-se para trabalhar em prol de um objectivo comum. a colaboração e a cooperação necessária para o projecto favorecem a construção de relações solidas e de um senso de responsabilidade em relação a escola e a comunidade.

Ao envolver os alunos no processo de plantio, cultivo e colheita dos alimentos, a produção agrícola escolar proporciona uma experiencia pratica. Essa experiencia ajuda a desenvolver habilidades e conhecimentos importantes sobre agricultura.

A produção agrícola escolar também promove uma conexão mais profunda com a comida, incentivando o consumo de alimentos saudáveis e frescos. Ao vivenciar o processo de plantar, cuidar e colher, os alunos se tornam mais conscientes com relação a sua alimentação.

Os resultados desta pesquisa podem contribuir para o desenvolvimento de melhores práticas de produção agrícola escolar, informar políticas públicas relacionadas a alimentação escolar e proporcionar uma compreensão mais abrangente das relações entre alimentação e educação.

Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Elizabeth. 2009. A escola como promotora da alimentação saudável. Ciência em tela, Rio de Janeiro.

BASÍLIO, G. 2006. Os saberes locais e o novo currículo do ensino básico. Dissertação [Mestrado em Educação] São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,.

BRANDÃO, C.T. 1996. Alimentação Alternativa. Centro de pastoral Popular. Editora Redentorista. Brasília.

DEVINCENZI, M. U.; RIBEIRO, L. C.; MODESTO, S. P.; CAMPOS, K. A.; SIGULEM, D. M. 2004. Nutrição e Alimentação nos Dois Primeiros Anos de Vida. Compacta Nutrição. Vol. V – nº 1 – xxxx.

FERNANDES, F. M. 2006. Alimentação e nutrição entre escolares: caso dos alunos de uma escola do município, Vitória –ES. 2006. 49 f. Monografia (Especialização em Nutrição Clínica) - Curso de Pós-Graduação em Nutrição Clínica, Universidade Veiga.

FIOROTTI, Josiana Laporti et al. 2011. Horta: a importância no desenvolvimento escolar. Anais... XIV Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica. Universidade Vale do Paraíba.

GOMES, Wedna da Silva Teixeira. 2017. Alimentação escolar saudável. 2017.

GEERTZ, Clifford. 1989. A interpretação das Culturas. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro

GIL, Carlos. 2006. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5ª Ed, São Paulo: Atlas

LAKATOS, É. 2009. Metodologia Científica. 5ª Edição. São Paulo. Editora Atlas.

MARCONI, M. A; Lakatos, E. 1991. Fundamento de Metodologia Científica. São Paulo, 5ª Edição. Editora Atlas S. A.

MEC. 2009. Regulamento Geral do Ensino Básico. Edição DINEG/MEC – Moçambique.

MEC. 2014. Plano Estratégico da Educação 2012- 2016 (2ª impressão). Maputo-Moçambique

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA (MINED). 2012. Plano Estratégico da Educação 2012-2016. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

MORGADO, F; SANTOS, M. 2008. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: Experiência do projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis. EXTENSIO – Revista Eletrônica de Extensão, n. 6, p. 1-10.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. 2005. Manual de investigação em ciências sociais - 4ªed. Lisboa: Gradiva.

SHORE, Cris and Wright, Susan. 1997. “Policy: A New Field of Anthropology.” In *The Anthropology of Policy: Critical Perspectives on Governance and Power*. New York: Routledge (chapter 1): 3-39.

UTRESP. 2004. Análise Funcional: Situação e o Caminho em Frente: Proposta para a CIRESP. Instituto Nacional de Educação. XXVIII Conselho Coordenador: “Por uma Visão Futura e Segura da Educação” - Introdução do Novo Currículo do Ensino Básico. Maputo, Mozambique: Ministério da Educação.

VALENTE, F. L. S. 2005. Segurança Alimentar e Nutricional: transformando a natureza em gente. Disponível em: Acesso em 02 jan.

WRIGHT, Susan. 2011 “Studying Policy: Methods, Paradigms, Perspectives - Introduction” In Cris Shore, Susan Wright and Davide Però (eds) *Policy worlds: anthropology and the analysis of contemporary power*. New York, Oxford: Berghahn Books: 27-31

WEDEL, J; S, Cris; F, Gregory and Lathrop, Stacy, 2005. “Towards an Anthropology of Public Policy”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 600, (July): 30-51.

ZOTTI, S. A. 2006. Organização do ensino primário no Brasil: uma leitura da história do currículo oficial. In *Navegando pela história da educação brasileira*. Campinas: Gráfica FE; HISTEDBR.